

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS

ORGANIZAÇÃO

PARTES DE UM TODO

Helder Macedo

Tendo-me sido dada a opção de colaborar nesta homenagem a Maria Irene Ramalho com um “texto académico” ou com um “testemunho”, a amizade sobrepôs-se à admiração. No entanto, este testemunho de amizade inclui também o reconhecimento da *scholar* com quem tive o privilégio de partilhar alguns dos melhores momentos da minha vida académica. Refiro-me sobretudo, embora não apenas, aos vários anos em que participei nas avaliações, por ela lideradas, de centros e de projetos de investigação nas universidades portuguesas, beneficiando da sua extraordinária capacidade de reconciliar um rigoroso profissionalismo com uma profunda generosidade de sentimentos.

Nos seus estudos académicos, Maria Irene Ramalho demonstra a verdade fundamental que só se pode conhecer o que se ama. Que amor é conhecimento. Como diria um dos muitos poetas que partilhamos, W. B. Yeats, não se pode separar a dança de quem dança. O nosso também partilhado Fernando Pessoa terá dito, num dos seus aparentemente fragmentados disfarces, que o universo é partes sem todo. Mas isso só pode ser dito, como Maria Irene Ramalho bem sabe, por quem sabe que um todo é feito de partes só aparentemente fragmentadas.

Outro poeta que partilhamos é, obviamente, Luís de Camões. Que, tanto quanto Pessoa e Yeats, foi um poeta que procurou transformar

a fragmentação do mundo aparente numa totalidade essencial. Para Camões, no entanto, a totalidade desejada era, ou deveria ter podido ser, um propósito humano realizável em vida e não uma transposição metafísica para o divino. E nisso talvez seja mais do nosso tempo do que esses dois poetas cronologicamente mais modernos ou, como outro exemplo pertinente, T. S. Eliot.

E aqui, querida Maria Irene, vou meter a minha foice camoniana na tua seara anglo-americana. Integrando o “texto acadêmico” que não escrevi no “testemunho” que preferi escrever como parte das nossas nunca terminadas conversas de perene amizade.

Lembras-te certamente da fala de Lionardo no Canto IX (estrofes 75-82) d’*Os Lusíadas*. Esse “bem desposto” Lionardo – “manhoso, cavaleiro e namorado / a quem Amor não dera um só desgosto, / mas sempre fora dele mal tratado” – é, segundo entendo, caracterizado por Camões como um falso amador, porque tinha substituído a veracidade dos sentimentos por uma expressão poética literariamente bela mas existencialmente falsificadora. Por isso “Amor nunca lhe dera um só desgosto” e, sem a experiência de verdadeiramente amar, ele havia maltratado o Amor. Mas, por isso também, nunca tinha experimentado o gosto de amar. É essa experiência que, em vez de uma neoplatónica idealização incorporeal, lhe vai ser oferecida na iniciática Ilha do Amor pela fisicalidade da “Ninfa”, a quem ele confessa (citando o seu inevitável Petrarca. . .) que, até então, *Tra la spica e la man qual muro he messo!* (“Entre a espiga e a mão mete-se um muro”). A Ninfa – ainda assim seduzida pela beleza da poesia petrarquista. . . – finalmente cede, “volvendo o rosto, já sereno e santo, / toda banhada em riso e alegria”, quando percebe que ele tinha aprendido a lição. E Lionardo, pela primeira vez, “todo se desfaz em puro amor”. Mas tudo isso, é claro, é dito pelo Camões que sabia – e ensina – que carne e espírito são indissociáveis partes do mesmo todo que é o amor, enquanto que o soneto de Petrarca desenvolve o conceito de que o desejo é uma

espécie de cegueira que destrói o coração (*Se col cieco desir che'l cor distrugge*).

Agora pergunto-te, Maria Irene, se concordas que esse verso de Petrarca citado por Camões é também ecoado por T. S. Eliot no poema *The Hollow Men*. Ou seja, se a “Sombra” de Eliot corresponde ao “muro” de Petrarca.

Eliot escreve, em *The Hollow Men*, que *between the idea / and the reality / falls the Shadow*. E não é só “entre a ideia e a realidade” que a “sombra” cai, mas também, em reiteraões sucessivas do conceito, entre “o movimento e o ato”, “a conceção e a criação”, “a emoção e a resposta”, “o desejo e o espasmo”, “a potência e a existência”, até culminar com a sombra a cair entre a divina “essência” e a sua “descida” ao mundo da matéria. Eliot, a seu modo, glosando Petrarca para dizer que sim, que entre a espiga e a mão há um muro intransponível. Enquanto que Camões – menos petrarquista do que Eliot – cita Petrarca para mostrar que não, que não é ou não deveria ser necessariamente assim.

Entre as muitas possíveis fontes literárias e filosóficas do poema de Eliot que têm sido detetadas pela crítica (Aristóteles, S. Tomás de Aquino, o pré-pessoano William James no *The Meaning of Truth*, e várias outras) não há, que eu saiba, qualquer referência ao “muro” do soneto de Petrarca. Mas isso pode ser ignorância minha e tu saberás melhor do que eu. Creio, em todo o caso, que a “sombra” que “cai” no poema de Eliot e o “muro” que se intrepõe à “mão” no soneto de Petrarca têm um significado equivalente. Além do mais, T. S. Eliot conhecia bem Petrarca. Bom, sim, mas, para seu prejuízo, não conhecia Camões. Ou, se conhecia, não partilhava a visão do mundo existencialmente redentora que, mesmo nos seus momentos de mais extremo desespero, o impediram de tornar-se num “homem esvaziado” para quem o mundo pudesse acabar *“Not with a bang but a whimper”*.

Que te parece? Será que isto faz algum sentido? Como vês, querida Maria Irene, temos ainda muito para conversar.